

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

**Programa de Pós-graduação de Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura
e Sociedade (CPDA)**



**Relatório com as principais notícias divulgadas pela mídia relacionadas com a
agricultura**

Área Temática: Agro-bioenergia/Biodiesel

Período de Análise: 01/03/2014 a 31/03/2014

Mídias analisadas:

Jornal Valor Econômico
Jornal O Globo
Jornal Estado de São Paulo
Sítio eletrônico do MDS
Sítio eletrônico do MDA
Sítio Eletrônico do MMA
Sítio eletrônico do INCRA
Sítio eletrônico da CONAB
Sítio eletrônico do MAPA
Sítio eletrônico da Agência Carta Maior
Sítio Eletrônico da Fetraf
Sítio Eletrônico da MST
Sítio Eletrônico da Contag
Sítio Eletrônico da CNA
Sítio Eletrônico da CPT
Carta Capital

Estagiária: Yohanan Barros

Índice

AMBIENTE ESTRATÉGICO EMPRESARIAL.....	4
ETANOL	4
Safras de 2015 de café e de cana serão afetadas. Alexa Salomão e Márcia de Chiara – O Estado de São Paulo, Economia. 01/03/2014	4
Editorial: Usina de crises – Folha de São Paulo, Opinião. 13/03/2014.....	5
Fontes substitui Rossetto na Petrobras Biocombustível. Gustavo Porto – O Estado de São Paulo, Economia. 14/03/2014	6
Parceria para a produção de etanol de arroz. Fabiana Batista – Valor Econômico, Agronegócios. 20/03/2014	6
Energia da cana fica abaixo do potencial. Mônica Scaramuzzo – O Estado de São Paulo, Economia. 20/03/2014.....	6
Divisão de açúcar e etanol não terá expansão. Mônica Scaramuzzo – O Estado de São Paulo, Economia. 24/03/2014.....	8
BNDESPar compra participação no CTC. Fabiana Batista – Valor Econômico, Agronegócios. 26/03/2014	9
União da Cargill e Copersucar cria gigante do mercado global de açúcar – O Globo, Economia. 27/03/2014.....	11
Pré-operacional, usina de etanol celulósico da GranBio tem prejuízo. Fabiana Batista – Valor Econômico, Agronegócios. 28/03/2014.....	12
POLÍTICA NACIONAL	13
ETANOL	13
Regulamentado crédito presumido para produtor de álcool. Luci Ribeiro – O Estado de São Paulo, Economia. 24/03/2014	13
Governo pesquisa impacto de mais etanol na gasolina. José Roberto Gomes – O Estado de São Paulo, Economia. 24/03/2014	13
NEGOCIAÇÕES INTERNACIONAIS	14
ETANOL	14
Sem etanol, usinas perdem vendas aos EUA. Fabiana Batista – Valor Econômico, Agronegócios. 31/03/2014	14
BIODIESEL	15
Biocombustíveis são cortados de relatório do IPCC antes de discussão. Giovana Girardi – O Estado de São Paulo, Planeta. 30/03/2014	15

AMBIENTE ESTRATÉGICO EMPRESARIAL

ETANOL

Safras de 2015 de café e de cana serão afetadas. Alexa Salomão e Márica de Chiara – O Estado de São Paulo, Economia. 01/03/2014

Seca no Centro-Sul provoca estrago em lavouras; estimativas apontam para perdas de R\$ 2 bi no setor sucroalcooleiro

O estrago que a seca do Centro-Sul provoca em lavouras permanentes, como cana e café, deve ir além desta safra. No caso do café, a falta de chuvas derruba as folhas que vão gerar os frutos da safra de 2015. Na cana, as mudas perdem qualidade por causa do calor excessivo.

Nas projeções da consultoria Safras & Mercado, as perdas no setor sucroalcooleiro podem chegar a R\$ 2 bilhões neste ano. Na Bolsa de Nova York, o contrato do açúcar já subiu quase 19% desde janeiro, mas boa parte dos produtores não consegue aproveitar essa valorização porque eles já venderam a maior parte da produção.

Ainda que o aumento no preço internacional possa compensar parte das perdas na produção e na exportação ao longo do ano, é certo que os efeitos negativos do clima sobre a cultura vão se prolongar e podem extrapolar o campo. A falta de água afeta principalmente a concentração de açúcar na planta e, por tabela, a produção de dois de seus subprodutos industriais – o açúcar e o etanol. Como o etanol é misturado à gasolina, se a oferta do combustível verde cair, a tendência é que haja aumento da demanda do derivado de petróleo. "É bem possível que o Brasil tenha de importar mais gasolina no segundo semestre", prevê Plínio Nastari, diretor da consultoria Datagro.

No café, a falta de chuvas nas áreas produtoras do sul de Minas Gerais e na região Mogiana Paulista deve levar à perda de rendimento e à má formação do fruto. "Os efeitos da seca são variados. Em algumas regiões, a perda é de 15%, no cerrado mineiro oscila entre 20% e 25%", afirma o diretor executivo da Associação Brasileira da Indústria do Café, Nathan Herszkowicz. Ele calcula que as perdas devem atingir entre 5 milhões e 6 milhões de sacas da safra, inicialmente estimada entre 46,5 milhões e 51 milhões de sacas. Com isso, pode ocorrer queda de R\$ 2,280 bilhões na receita. Já Silas Brasileiro, presidente do Conselho Nacional do Café, acha que o maior estrago deve ocorrer em 2015: redução de 7 milhões a 8 milhões de sacas.

Incógnita. A maior incógnita no momento é o tamanho da perda no setor de laranja. A seca pegou a fruta bem na fase de desenvolvimento e a tendência é que haja uma redução na quantidade de água na fruta e, por conseguinte, no seu tamanho. Para o produtor, é o pior dos mundos. As vendas da fruta para a indústria são avaliadas por número de caixas e, nesse caso, será necessário colocar um número maior de laranjas para completar a caixa.

Para a indústria, porém, um volume menor de água pode representar uma quantidade maior de suco. Segundo Ibiapaba Netto, diretor executivo da Associação Nacional dos Exportadores de Sucos Cítricos (CitrusBR), o cenário fica mais claro entre março e abril.

Editorial: Usina de crises – Folha de São Paulo, Opinião. 13/03/2014

Espremida entre o aumento do custo de produção e o represamento dos preços da gasolina, a indústria brasileira de açúcar e etanol tem perdido fôlego financeiro.

Desde janeiro, seis usinas entraram em processo de recuperação judicial, segundo estudo da consultoria MBF Agribusiness. O montante equivale a todos os pedidos registrados nos últimos dois anos. Desde 2008, são 56 estabelecimentos em tal situação.

A crise se agravou no período mais recente pela queda nos preços do açúcar no mercado internacional. Cerca de dois terços dos grupos estariam operando com prejuízo.

A cadeia de suprimento de equipamentos está comprometida. Segundo a União da Indústria de Cana-de-Açúcar, desde 2010 houve queda de 50% no faturamento, com a perda de 50 mil empregos.

A deterioração vem de alguns anos, quando o governo começou a dar passos atrás na modernização que empreendia com sucesso desde os anos 1990.

A criação da Contribuição de Intervenção no Domínio Econômico (Cide), em 2001, com alíquotas diferenciadas, deu competitividade ao setor –a taxaço do etanol era menor que a da gasolina.

A política de correção dos preços internos da gasolina, por sua vez, que até 2006 acompanhou mais de perto as cotações internacionais, também contribuía para que a rentabilidade do biocombustível não fosse comprometida.

Houve, ademais, grande aumento da demanda interna de etanol a partir de 2003, com a tecnologia de carros flex, que em poucos anos passaram a representar 90% dos novos carros vendidos no país.

Completando o ciclo, os preços altos do petróleo levaram investidores a buscar alternativas. O Brasil oferecia o cenário ideal: tecnologia consolidada, baixo custo e forte cadeia de fornecedores.

Muito mudou nos últimos anos, contudo. A partir de 2006, o governo conteve o preço interno da gasolina. Para evitar repasses dos aumentos internacionais, a Cide foi progressivamente reduzida (até zero em 2012), eliminando o diferencial tributário em favor do etanol justamente quando cresciam os custos de produção.

A questão de fundo, que praticamente fez cessar novos investimentos no setor, é que deixou de haver uma política clara para a convivência da gasolina e do etanol, combustíveis com estruturas produtivas e rentabilidades diferentes.

A liderança do Brasil é inquestionável no que respeita ao etanol. Seria de esperar, portanto, que o governo elaborasse políticas para explorar essa vantagem –e, se for incapaz de fazer isso, que ao menos não atrapalhe o setor.

Fontes substitui Rossetto na Petrobras Biocombustível. Gustavo Porto – O Estado de São Paulo, Economia. 14/03/2014

RIBEIRÃO PRETO - O diretor de Biodiesel da Petrobras Biocombustível (PBio), Alberto Oliveira Fontes Júnior, assumiu a presidência do braço de combustíveis renováveis da estatal na vaga de Miguel Rossetto, nomeado pela presidente Dilma Rousseff novo ministro do Desenvolvimento Agrário. Fontes é engenheiro, ocupou vários cargos administrativos na PBio, já foi empossado no cargo e acumulará as duas funções, segundo a assessoria da companhia.

Na produção de etanol e açúcar, a PBio é sócia na usina Bambuí, em Minas Gerais, e do grupo Guarani, que opera usinas São Paulo e Moçambique, na África, e São Martinho, na Nova Fronteira, em Goiás. A capacidade de produção total é estimada em 1,5 bilhão de litros de etanol por ano.

O braço de combustíveis renováveis da Petrobras tem ainda capacidade total de produção de 821 milhões de litros de biodiesel por ano. A empresa comercializa também a borra (ou goma), a glicerina e o ácido graxo provenientes do processo industrial de produção do biodiesel.

A Pbio possui três usinas próprias de biodiesel, em Minas Gerais, na Bahia e no Ceará, e é parceira na empresa BSBIOS, com uma unidade no Paraná e outra no Rio Grande do Sul. Em parceria com a Galp, a PBio criou a Belém Bioenergia Brasil, empresa que vai produzir óleo a partir da palma (dendê) no Pará para produção de "diesel verde" em Portugal.

Parceria para a produção de etanol de arroz. Fabiana Batista – Valor Econômico, Agronegócios. 20/03/2014

A produção de etanol de arroz no Brasil ganha impulso com o acordo entre a empresa gaúcha USI Biorefinarias e a cooperativa americana CHS, com faturamento de US\$ 44 bilhões no mundo, que terá a exclusividade na compra do biocombustível. O contrato é semelhante ao assinado com os produtores de grãos, ou seja, o etanol será trocado por fertilizantes.

A matéria-prima usada no processo desenvolvido pela USI é um arroz impróprio para consumo humano, apelidado de "arroz gigante". O projeto da USI prevê a construção de 15 usinas de etanol no Rio Grande do Sul, que juntas vão produzir 115 milhões de litros do bicomcombustível.

Energia da cana fica abaixo do potencial. Mônica Scaramuzzo – O Estado de São Paulo, Economia. 20/03/2014

Projetos de cogeração nas usinas de açúcar e álcool poderiam jogar hoje 3,4 mil MW no sistema elétrico, mas colocam apenas metade disso

Difundidos como alternativa às constantes ameaças de apagão, os projetos de cogeração de energia com bagaço de cana, que receberam bilionários investimentos entre 2003 e 2008, ficaram muito abaixo do potencial que poderia ser jogado na rede para aliviar o risco de falta de energia nas principais regiões do Centro-Sul do País.

Com as usinas de cana atoladas em uma crise desde 2008, desencadeada pela turbulência global e agravada pela falta de competitividade do setor, poucos projetos de cogeração de energia saíram do papel nos últimos seis anos. Especialistas do setor estimam que, entre 2003 e 2008, as indústrias sucroalcooleiras investiram cerca de R\$ 15 bilhões para comercializar energia de biomassa excedente para a rede.

"A política do governo de subsidiar o preço da gasolina não só agravou a crise das usinas, como também travou os projetos em cogeração", afirmou Adriano Pires, diretor do Centro Brasileiro de Infraestrutura (CBIE). Segundo Pires, a falta de políticas públicas para o setor deixou para trás diversos projetos, incluindo os de cogeração. "O bagaço tem um grande potencial como gerador de energia, mas a decisão do governo de misturar diversas fontes de energia, como eólicas, por exemplo, tira a competitividade das usinas de cana."

Procurado, o Ministério de Minas e Energia não sinalizou mudanças no curto prazo para estímulos ao setor em leilões.

Os preços oferecidos nos leilões de energia de biomassa desestimularam os negócios, afirmam consultores e usinas. Hoje, se contam nos dedos de uma mão quantas usinas se beneficiaram da atual cotação, em torno de R\$ 822 para a energia negociada no mercado livre. Uma boa parte dos contratos firmados gira em torno de R\$ 120 a R\$ 150 MW/h.

"Se incentivadas, várias usinas de biomassa do Sudeste e Centro-Oeste do País poderiam suprir parte dessa demanda. Não haveria a necessidade de trazer blocos de energia da Região Norte", disse Pires.

Autossuficientes em cogeração de energia limpa, hoje cerca de 170 das 400 usinas de açúcar e etanol em operação no Centro-Sul do Brasil comercializam seu excedente no mercado, um total de 1.720 megawatts médios, ou 3,3% do consumo nacional de energia. "É o suficiente para abastecer até nove cidades do porte de Ribeirão Preto (com 650 mil habitantes)", disse Zilmar José de Souza, consultor de bioeletricidade da União da Indústria da Cana-de-açúcar (Unica).

"O potencial com os investimentos já feitos poderia atingir 3.400 MW/médios", afirmou Souza. A capacidade instalada das usinas é de 9.339 MW, incluindo consumo próprio, o equivalente a cerca de 70% da Usina de Itaipu. Vale lembrar que a energia produzida com o bagaço é sazonal, de abril a dezembro, período de colheita da cana e também de

estiagem no País. Até 2021, a capacidade instalada das usinas poderia atingir 22 mil MW.

Investimentos. "Bastariam pequenos investimentos em turbinas nas caldeiras já instaladas hoje para dobrar a capacidade atual", afirmou José Luiz Olivério, vice-presidente de negócios da Dedini, com sede em Piracicaba (SP), uma das maiores indústrias de base voltadas para o setor.

Desde 2003, foram instaladas 117 novas usinas de açúcar e etanol no Centro-Sul, das quais 80% delas foram projetadas para produzir energia, não somente para consumo próprio. "Desses projetos novos, apenas 35% deles foram implementados", afirmou Olivério.

Segundo ele, cerca de 180 usinas instaladas em São Paulo teriam condições de negociar energia excedente no mercado. "Hoje, apenas 20% fazem isso."

Os primeiros projetos de cogeração tiveram início no fim dos anos 80. "Os projetos ganharam fôlego a partir de 2005, com os leilões do governo federal para a venda de energia de longo prazo", disse Souza.

Divisão de açúcar e etanol não terá expansão. Mônica Scaramuzzo – O Estado de São Paulo, Economia. 24/03/2014

Enquanto a divisão de distribuição de combustíveis da Raízen passa por um período de expansão, o negócio de açúcar e álcool da companhia (Raízen Energia) não deverá receber investimentos para ampliação de novos projetos.

Ainda não há sinais claros de recuperação desse setor. As usinas de açúcar e etanol passam por um momento difícil - uma parte delas está em recuperação judicial e outras buscam alternativas para reduzir seu alto endividamento, contraído, sobretudo, entre 2003 e 2008, fase de expansão do segmento. "Não deveremos fazer qualquer movimento de expansão nesse setor", disse uma fonte do grupo aoEstado.

Mesmo sem planos para expandir no curto prazo, a Raízen Energia, com 24 usinas, segue líder em moagem de cana, com capacidade de 66 milhões de toneladas por ano, mais que o dobro de seus concorrentes. Essa divisão também inclui os negócios de cogeração de energia a partir do bagaço e etanol de segunda geração, que já vinha sendo explorado pela Shell.

A receita líquida da Raízen Energia no terceiro trimestre da safra 2013/14 (de abril a março) encerrou em R\$ 2,1 bilhões, queda de 18,4% sobre o mesmo período do ciclo anterior. No consolidado dos nove meses, a receita líquida soma R\$ 6,85 bilhões, aumento de 12%.

Diversificação. Desde que decidiu diversificar seus negócios, a partir de 2008, com a compra da Esso, o grupo Cosan (que detém 50% da joint venture na Raízen), busca reduzir a exposição de seus negócios em commodities. A divisão de combustíveis

(Raízen Combustíveis) responde por mais de 80% do faturamento do grupo, que também está em negociações para ser o controlador da América Latina Logística (ALL). O grupo também controla a Rumo, Radar (terras), Comgás, além de negócios na área de lubrificantes.

A Raízen Combustíveis encerrou o terceiro trimestre com faturamento líquido de R\$ 13,1 bilhões, aumento de 14,8% sobre o mesmo período do ano passado. No acumulado dos nove meses, a receita ficou em R\$ 37,58 bilhões, alta de 15,3% sobre os nove meses do ano anterior.

O mercado acompanha atento o acordo da ALL-Rumo. Desde o início do ano, os papéis da ALL registram forte valorização, mas as ações da Cosan não acompanham a alta. "O acordo para ALL é mais vantajoso", diz uma analista.

BNDESPar compra participação no CTC. Fabiana Batista – Valor Econômico, Agronegócios. 26/03/2014

Em mais uma aposta em etanol, a BNDESPar decidiu adquirir uma participação no Centro de Tecnologia Canavieira (CTC) por meio de um aporte de até R\$ 300 milhões. A empresa de pesquisa tem em seu bloco de controle as gigantes Copersucar e Raízen (Cosan/Shell). A fatia do braço de participações do banco de fomento no negócio não foi revelada.

Segundo Pedro dos Passos, chefe do departamento de investimentos em pequenas e médias empresas inovadoras da BNDESPar, os recursos que serão aportados vão compor o plano de investimentos de R\$ 1,2 bilhão que será executado nos próximos cinco anos pelo CTC. "Nossa visão é que o centro tem potencial para gerar valor para seus acionistas e se tornar uma referência mundial em inovação para cana-de-açúcar", afirmou Passos ao Valor durante o Global Agribusiness Forum 2014, que terminou ontem em São Paulo.

A data e o valor dos aportes serão definidos ano a ano, e as liberações vão correr, conforme Passos, conforme o cronograma de investimentos do CTC. "Pelo plano apresentado pela empresa, todo o montante de R\$ 300 milhões será utilizado no próximo quinquênio".

A entrada do BNDESPar exigirá do CTC novas obrigações, explicou Passos. O centro terá de aprimorar seus padrões de governança corporativa por meio do credenciamento, em até 24 meses, no Bovespa Mais, categoria da BM&FBovespa destinada às Sociedades Anônimas de pequeno e médio portes, sem capital aberto. "Com isso, nossa expectativa é que a companhia consiga, em até sete anos, fazer uma oferta inicial de ações dentro do que determina o regulamento do Bovespa Mais", disse.

O presidente do conselho de administração do CTC, Luís Roberto Pogetti, que há um ano negocia o aporte, concorda que, além de reforçar a estrutura de capital do centro, a

entrada da BNDESPar contribuirá para um salto em sua governança. "A instituição terá um assento no conselho de administração do CTC".

Pogetti afirma que os recursos não entrarão no caixa "carimbados" para um projeto específico. Servirão, sim, para dar sustentação aos programas de pesquisa prioritários da empresa. Entre eles estão o desenvolvimento de variedades de cana mais produtivas (tanto por meio do melhoramento genético convencional quanto via biotecnologia) e a produção de um etanol celulósico economicamente viável.

Nos últimos dois anos, os sócios do CTC também aportaram recursos na operação. Foram, ao todo, R\$ 190 milhões - R\$ 30 milhões neste ano. "Com essa parceria, atraímos um sócio de respeito para o negócio e ampliamos o volume de recursos necessários para viabilizar nossas pesquisas nos próximos cinco anos", disse.

O chefe do departamento de Biocombustíveis do BNDES, Carlos Eduardo Cavalcanti, afirmou que o aporte de até R\$ 300 milhões no CTC integra o Programa de Apoio à Inovação Tecnológica Industrial dos Setores Sucroenergético e Sucroquímico (PAISS), iniciativa conjunta com a Finep. Assim, explicou, no total a instituição aprovou até R\$ 380 milhões ao CTC, uma vez que houve o sinal verde para R\$ 80 milhões em financiamentos convencionais.

"O financiamento foi destinado especificamente ao projeto de construção de uma planta de demonstração de etanol de segunda geração com capacidade para produzir até 3 milhões de litros por ano", afirmou Cavalcanti. Dentro do PAISS, também houve aprovação de R\$ 227,4 milhões para o CTC via Finep.

Fundado há cerca de 40 anos por usinas sucroalcooleiras, o CTC é considerado a maior empresa de pesquisa em cana do mundo. Em 2011, foi convertida de Oscip para S.A. e passou a imprimir uma visão empresarial a sua atuação ao cobrar pelo uso das tecnologias que desenvolve. "O CTC concentra sócios e clientes que detém 60% da capacidade de moagem de cana do país. Se as pesquisas trouxerem resultados, o CTC tem capacidade de disseminar essas novas tecnologias rapidamente a todo o setor, elevando a competitividade brasileira em cana-de-açúcar a outro patamar", afirmou Passos.

Cavalcanti, do BNDES, afirmou que o banco não deverá aprovar novas operações de equity no âmbito do PAISS. Além da participação no CTC, a BNDESPar também aprovou um aporte de R\$ 600 milhões no projeto de tecnologias de segunda geração da GranBio, controlada pela holding da família Gradin.

Segundo Cavalcanti, do total de R\$ 1,17 bilhão já aprovados pelo BNDES dentro do PAISS, R\$ 900 milhões são em equity. "Fizemos duas apostas interessantes, que são complementares e colocam de vez o etanol de segunda geração na agenda energética do país", afirmou. A carteira de projetos aprovados do PAISS deve alcançar R\$ 1,57 bilhão somente pelo BNDES. Somados os recursos aprovados pela Finep, o montante total deve chegar a R\$ 2,8 bilhões.

União da Cargill e Copersucar cria gigante do mercado global de açúcar – O Globo, Economia. 27/03/2014

Anúncio foi feito nesta quinta-feira; operação deve começar no segundo semestre desse ano

SÃO PAULO - A multinacional do agronegócio Cargill e a brasileira Copersucar anunciaram nesta quinta-feira um acordo para combinar suas atividades globais de comercialização de açúcar em uma joint venture que deve começar a operar no segundo semestre, reforçando a posição das gigantes do agronegócio mundial.

A Copersucar é a maior comercializadora global de açúcar integrada à produção e a maior exportadora brasileira do produto, enquanto a Cargill, com sede nos Estados Unidos e faturamento de 137 bilhões de dólares com diversos negócios agropecuários, origina açúcar nos principais países produtores ao redor do mundo, incluindo o Brasil.

- É basicamente o braço de mercado da Cargill juntando-se ao braço de produção da Copersucar. São instituições completamente diferentes, então é realmente uma combinação perfeita - disse um analista europeu.

Ambas estão entre as maiores comercializadoras de açúcar, tendo como principais concorrentes a Sucden, Louis Dreyfus e a ED&F Man. A nova instituição “estaria entre as maiores... se não a maior (trading de açúcar do mundo)”, disse o analista Claudiu Covrig da Platts Kingsman.

- A Copersucar é forte internamente (no Brasil), enquanto a Cargill é vista melhor no mercado internacional. A logística da Cargill é fantástica em diferentes commodities, então é um caso de ganha-ganha - disse ele.

Este não é o primeiro negócio do setor de açúcar e álcool a unir uma grande multinacional e uma empresa brasileira. A Raízen, maior exportadora individual de etanol, foi criada por uma joint venture entre a grande produtora de petróleo Royal Dutch Shell e a brasileira Cosan em 2010.

- Elas provavelmente terão alguns ganhos ao combinar as operações logísticas, no mínimo. É preciso ver os detalhes, mas se a Cargill entregar o trabalho de originação à Copersucar e focar no aspecto internacional da venda de açúcar, pode funcionar - disse o chefe da mesa de negociação de uma trading asiática que faz negócio com as duas empresas.

A Copersucar comercializa 8,5 milhões de toneladas de açúcar por ano, com exportações de 6,8 milhões na última temporada, ou cerca de um quarto dos embarques realizados pelo Brasil, o maior produtor e exportador da commodity.

- A operação faz sentido. É interessante que a Cargill havia dito anteriormente que estava obtendo melhor retorno ao reduzir sua originação de açúcar de 6 milhões para 4,5 milhões de toneladas por ano. É difícil fazer dinheiro com o comércio de açúcar, mesmo

que você seja grande - disse o diretor da corretora e consultoria Bioagência, Tarcilo Rodrigues.

As duas companhias enfrentaram dificuldades nos últimos anos. A Copersucar está com a capacidade reduzida em seu gigantesco terminal de exportação de açúcar no porto de Santos (SP), após um incêndio no final do ano passado. Já a Cargill teve suas atividades de comercialização de açúcar abaladas no final de 2011, quando a unidade foi apontada como uma das responsáveis pelo pior resultado trimestral da empresa em uma década.

O líder de negociação de açúcar Jonathan Drake deixou a Cargill no fim de 2011, sendo substituído por Ivo Sarjanovic, que agora será indicado como presidente-executivo da nova joint venture com a Copersucar.

Operações

Cada companhia terá fatia de 50 por cento na nova empresa, que atuará independente das controladoras na originação e negociação de açúcar bruto e branco. As empresas não mencionaram valores envolvidos na negociação. A joint venture, que ainda não tem nome definido, depende da aprovação de autoridades regulatórias, que é esperada para a segunda metade do ano, segundo nota conjunta da Cargill e da Copersucar.

Pré-operacional, usina de etanol celulósico da GranBio tem prejuízo. Fabiana Batista – Valor Econômico, Agronegócios. 28/03/2014

SÃO PAULO - Ainda pré-operacional, a Bioflex, primeira usina de etanol de segunda geração da GranBio Investimentos, informou hoje que teve em 2013 um prejuízo líquido de R\$ 1,839 milhão, ante um lucro líquido de R\$ 153 mil em 2012. A usina de etanol ainda está sendo construída em Alagoas. As máquinas já estão sendo ligadas, segundo informou a empresa, e a inauguração oficial deve ocorrer até junho deste ano.

No balanço, a Bioflex informa uma dívida com empréstimos e financiamento de R\$ 295,036 milhões, sendo R\$ 83,3 milhões no curto prazo.

Também hoje, a GranBio Investimentos, holding que controla indiretamente a Bioflex e diretamente outras cinco empresas (a maior parte ainda pré operacionais) do ramo de produção de etanol e químicos com tecnologia de segunda geração, informou que teve em 2013 um prejuízo líquido de R\$ 25,864 milhões, ante a perda de R\$ 14,158 milhões de 2012.

A planta da GranBio terá capacidade para produzir 82 milhões de litros de etanol de segunda geração por ano, a partir do bagaço e da palha da cana. Quando estiver concluída, terá consumido R\$ 350 milhões em investimentos.

O projeto todo da GranBio é de investir R\$ 4 bilhões para construção de quatro usinas de etanol de segunda geração (celulósico), duas unidades bioquímicas e duas biorrefinarias flexíveis.

POLÍTICA NACIONAL

ETANOL

Regulamentado crédito presumido para produtor de álcool. Luci Ribeiro – O Estado de São Paulo, Economia. 24/03/2014

BRASÍLIA - O governo federal publicou nesta segunda-feira, 24, no Diário Oficial da União (DOU), decreto que regulamenta o crédito presumido de PIS/Pasep e Cofins para produtores de álcool, conforme prevê a Lei 12.859, de 10 de setembro de 2013.

O decreto diz que a "a pessoa jurídica importadora ou produtora de álcool, inclusive para fins carburantes, sujeita ao regime de apuração não cumulativa da Contribuição para o PIS/Pasep e da Contribuição para o Financiamento da Seguridade Social - Cofins poderá descontar das referidas contribuições, devidas em cada período de apuração, crédito presumido calculado sobre o volume mensal de venda no mercado interno do referido produto."

Segundo o texto, o crédito presumido poderá ser aproveitado em relação a vendas efetuadas até 31 de dezembro de 2016. O montante do crédito presumido será determinado mediante aplicação das seguintes alíquotas específicas: R\$ 21,43 por metro cúbico de álcool comercializado, em relação a PIS/Pasep; e R\$ 98,57, em relação à Cofins.

A norma também determina que cooperativas de produtores de etanol responsáveis pelo recolhimento de PIS/Pasep e Cofins são também responsáveis pela apuração do crédito presumido, que será compensado com as contribuições devidas por suas cooperadas.

Governo pesquisa impacto de mais etanol na gasolina. José Roberto Gomes – O Estado de São Paulo, Economia. 24/03/2014

Fabricantes dizem que mudança afetaria desempenho dos carros; governo vê medida com bons olhos porque reduziria a importação da gasolina

SÃO PAULO - O diretor do Departamento de Combustíveis Renováveis do Ministério de Minas e Energia (MME), Ricardo Dornelles, revelou nesta segunda-feira, 24, ao Broadcast, serviço de informações da Agência Estado, que o governo está realizando pesquisas próprias para avaliar o impacto do aumento da mistura de etanol anidro na gasolina, dos atuais 25% para 27,5%. Segundo ele, a Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores (Anfavea) já comunicou que a medida prejudicaria o rendimento dos motores. O governo avalia, porém, que é preciso uma análise ainda mais técnica para se tomar uma decisão sobre o assunto. "Precisamos de uma resposta técnica", afirmou minutos antes do início do evento Sugar&Ethanol, que é realizado em São Paulo.

Conforme Dornelles, as pesquisas do governo estão a cargo do Instituto Nacional de Metrologia, Qualidade e Tecnologia (Inmetro), que está conversando com a indústria

sucroalcooleira e outros técnicos. Ainda não há previsão de quando as análises do governo serão concluídas, complementou.

A proposta de aumentar o limite máximo de mistura de etanol anidro na gasolina, de 25% para 27,5%, foi levada ao governo pela cadeia produtiva em janeiro. A princípio, o governo viu a medida com bons olhos, pois isso diminuiria o volume de importação de gasolina e, conseqüentemente, traria alguma vantagem ao caixa da Petrobrás. Para o setor, uma mistura de 27,5% contribuiria para o escoamento de produção, principalmente em um ano em que os Estados Unidos devem importar menos biocombustível.

NEGOCIAÇÕES INTERNACIONAIS

ETANOL

Sem etanol, usinas perdem vendas aos EUA. Fabiana Batista – Valor Econômico, Agronegócios. 31/03/2014

Os problemas logísticos nos Estados Unidos que colaboraram para a disparada dos preços do etanol no país respingaram também no mercado brasileiro, o segundo maior do mundo quando o assunto é o biocombustível. Traders afirmam que há ofertas no Brasil para exportação de etanol aos Estados Unidos a R\$ 2 por litro, valor 25% mais elevado que os atuais preços em São Paulo, que estão em torno de R\$ 1,60.

Entretanto, pouquíssimas usinas brasileiras vão conseguir aproveitar essa oportunidade, segundo especialistas. Isso porque quase não há produto disponível para venda ao exterior. A oferta está toda comprometida com contratos no mercado interno.

Traders estimam que, "raspando o tacho", as usinas tenham conseguido fechar contratos de exportação de 50 milhões a 60 milhões de litros aos preços de R\$ 2 por litro para entrega em maio. "Mas se houvesse produto, esse volume poderia chegar a até 200 milhões de litros, que é o tamanho da demanda americana neste momento", afirmou um trader.

De acordo com o diretor da comercializadora Bioagência, Tarcilo Rodrigues, os estoques da região Centro-Sul contam com cerca de 800 milhões de litros de etanol anidro, que é misturado à gasolina e alvo dos importadores por conter um menor teor de água.

Esse volume armazenado, segundo Rodrigues, já foi vendido por meio de contratos às distribuidoras de combustíveis e vão abastecer o mercado interno de mistura com a gasolina até a primeira quinzena de abril. "Depois dessa data, começa a entrar em maior escala a produção da safra nova, a 2014/15", explicou Rodrigues.

Traders afirmam não enxergar riscos de desabastecimento de etanol anidro no mercado interno no mês de abril, ainda que haja alguma intempérie. Isso porque, estima-se que ainda haja com as usinas uma oferta de 500 milhões de litros de etanol hidratado, que é

usado diretamente no tanque dos veículos. Diante de uma eventualidade, esse biocombustível poderia passar por uma desidratação e ser transformado em anidro.

Desde o início desta safra, a 2013/14, em abril do ano passado, até fevereiro deste ano, as exportações de etanol do Brasil superaram 2,5 bilhões de litros. No mesmo intervalo, as importações foram de 158,140 milhões de litros, segundo dados da Secretaria de Comércio Exterior (Secex), compilados pela União da Indústria de Cana-de-Açúcar (Unica).

Apesar dessa "janela" de exportação ter se aberto para o produto brasileiro nos Estados Unidos, como dificilmente ela será aproveitada neste momento por falta de oferta, é improvável que haja alguma mudança nas projeções de queda das exportações de etanol em 2014, na visão do diretor da Bioagência.

A previsão inicial da comercializadora é de que os embarques na temporada 2014/15 cheguem a 1,8 bilhão de litros, uma queda de 30% relação ao ciclo 2013/14, que termina oficialmente no dia 31 deste mês. Na sexta-feira, o indicador semanal Cepea/Esalq para o etanol anidro caiu 1,15%, a R\$ 1,5792 o litro.

BIODIESEL

Biocombustíveis são cortados de relatório do IPCC antes de discussão. Giovana Girardi – O Estado de São Paulo, Planeta. 30/03/2014

Trecho que incomodava delegação brasileira nem chegou a ser debatido; para líder do grupo, visão estava enviesada

A sentença que mais incomodava o Brasil no "Sumário para Formuladores de Políticas" da segunda parte do novo relatório do Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (IPCC) acabou sendo retirada de discussão antes mesmo de as discussões nesta semana começarem.

O trecho que dizia, com "alto grau de confiança", que "aumentar o cultivo de plantações para bioenergia coloca riscos para ecossistemas e a biodiversidade, apesar de a contribuição da energia de biomassa para a mitigação reduzir os riscos relacionados ao clima" estava na versão preliminar do sumário que foi enviado para os países. E a delegação brasileira já tinha indicado que se manifestaria pela sua retirada.

De acordo com um negociador presente à reunião, os próprios autores e co-chairs, ao revisarem o texto antes do início dos trabalhos, já cortaram o trecho. O material projetado em telão para a avaliação dos delegados mostrava que ele fora cortado. Desse modo, ele nem entrou em discussão.

Sem ter precisado entrar em embate sobre a questão, o Brasil acabou se dando por satisfeito. "O Brasil sempre vai defender os biocombustíveis pois, além de mitigar emissões, geram emprego e desenvolvimento. E com o zoneamento agroecológico (que define por onde a cana pode se expandir, por exemplo), contribuem para o

desenvolvimento sustentável", disse José Domingos Gonzalez Miguez, do Ministério do Meio Ambiente, que liderou a delegação brasileira.

Para ele, o sumário trazia uma visão enviesada: "Só ressaltava o lado negativo, e não o positivo". Ele diz acreditar que o trecho foi retirado pelos autores por não estar "no local adequado". O relatório lançado ontem fala de impactos, vulnerabilidades e adaptação. Biocombustíveis se encaixariam mais no tema do terceiro relatório, sobre mitigação, que será lançado daqui duas semanas, em Berlim. Foi desse modo que ele foi tratado no relatório anterior do IPCC, de 2007.

Medidas de mitigação são aquelas que reduzem as emissões de gases de efeito estufa e os tiram da atmosfera. Como não é um combustível fóssil, o etanol e o biodiesel tem potencial de ajudar nesse sentido.

Ainda no documento. Mas apesar de o parágrafo ter sido retirado do sumário, a mensagem pode ainda permanecer no corpo do relatório científico. O sumário é a única parte não técnica do documento. Ele destaca os principais pontos com um tom mais político, para orientar decisões e também negociações internacionais.

No capítulo que fala de Riscos Emergentes e Vulnerabilidades-Chave, no rascunho final os autores escrevem que "reduções de gases de efeito estufa a partir da produção de biocombustível e seu uso (comparado com o de combustíveis fósseis) podem ser compensadas parcialmente ou inteiramente por décadas ou séculos por emissões de CO2 induzidas de desmatamento".

Eles citam um caso brasileiro: "No Brasil, é esperado que a expansão dos biocombustíveis incida sobre o Cerrado, a Amazônia e a Mata Atlântica - todos os três têm altos níveis de biodiversidade e de endemismo".

Esse dado vem de um estudo de 2010 feito pelo ecólogo David Lapola, da Unesp, que disse achar que seu trabalho não foi muito bem compreendido pelo IPCC.

Ele trabalhou com modelagens explorando um cenário extremo de expansão da cana para produção de etanol e de soja para biocombustíveis. A cana no Sudeste e a soja no Mato Grosso.

"Para a cana consideramos que até 2020 ela se expandiria sobre áreas de pastagem, que é o que vem acontecendo. E imaginamos que aquela demanda de pecuária seria realocada para outras áreas, de Cerrado e Amazônia", explica.

Até aí a menção do IPCC faz sentido, "mas para a Mata Atlântica não", diz. "A cana não está ameaçando o bioma, que, pelo contrário, está começando a se recuperar. Os produtores têm feito projetos de reflorestamento."

No caso do deslocamento para o Norte e Centro-Oeste, Lapola explica que considerou duas possibilidades: uma em que todo o gado fosse colocado lá num sistema de pecuária extensiva, com menos de um animal por hectare, pressionado por mais pastagem; e

outra em que esse gado seria todo realocado em pastagens já existentes, com intensificação, não resultando em desmatamento indireto.

"Acho que a verdade ficou entre esses dois extremos. De lá para cá de fato a produção de cana vem aumentando, mas o desmatamento está caindo", diz.

Coordenador
Sergio Leite

Pesquisadores

Ademir A. Cazella, Andrey Cordeiro Ferreira,
Catia Grisa, Claudia Job Schmitt, Fábio Luiz Búrgio,
Georges Flexor, Jorge Romano, Karina Kato,
Lauro Mattei, Leonilde Medeiros, Nelson Delgado,
Philippe Bonnal, Renato S. Maluf, Silvia Zimmermann

Assistentes de Pesquisa

José Renato S. Porto, Valdemar João Wesz Junior

Secretária

Diva de Faria



cpda Programa de Pós-Graduação de Ciências Sociais
em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade
UFRRJ - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Endereço: Av. Presidente Vargas, 417 / 8º andar
Centro Rio de Janeiro - RJ CEP 20071-003

Telefone: 21 2224 8577 – r. 214

Fax: 21 2224 8577 – r. 217

Correio eletrônico: oppa@ufrj.br

Sítio eletrônico: www.ufrj.br/cpda/oppa